



**Michel Foucault e Federico García Lorca: um diálogo entre a loucura e a razão presente nas obras, *História da Loucura* e *La Casa de Bernarda Alba***

Michel Foucault and Federico García Lorca: a dialogue between madness and reason present in the works, *History of Madness* and *La Casa de Bernarda Alba*

Leandro de Jesus Malaquias<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca um diálogo entre Michel Foucault e Federico García Lorca em torno do eterno debate entre a loucura e a razão. A lógica de raciocínio que segue este trabalho encontra-se na problemática que as análises dos dois autores suscitam: um poeta dramaturgo em cujo texto teatral a loucura se vê retratada como detentora da verdade e um filósofo, conhecido pelas suas críticas às instituições sociais, especialmente no que toca a psiquiatria.

**Palavra-chave:** Foucault, García Lorca, Razão, Loucura

**Abstract:** This article seeks a dialogue between Michel Foucault and Federico García Lorca around the eternal debate between madness and reason. The logic of reasoning that follows this work is found in the problematic that the analyzes of the two authors raise: a playwright poet in whose theatrical text madness is portrayed as having the truth and a philosopher, known for his criticisms of social institutions, especially not that it touches a psychiatry.

**Keywords:** Foucault, García Lorca, Reason, Madness

Por uma questão histórica e temporal, Federico García Lorca não deve ter sido leitor de Michel Foucault, embora houvesse uma probabilidade de Foucault ter lido García Lorca, pela proximidade entusiasmante do filósofo com a literatura. Partimos da possibilidade de um diálogo que, inserido nesse universo simbólico, representa a concreticidade da crítica, bem como sua atualidade. Por isso, apoiamos-nos na crítica histórica, filosófica e empírica de Foucault que nos anuncia os mistérios da loucura da personagem que iremos analisar.

Dessa forma, busca-se a compreensão da obra *História da Loucura* e a possível inserção de vários aspectos por ela apresentados em *La Casa de Bernarda Alba*. Há uma temática tênue e desafiadora que nos seduz e assusta: a loucura e as suas relações com a sociedade ou o meio social em que se inserem essas relações. Não se trata aqui de realizar um estudo centrado no saber médico em si, mas sim de um estudo que, dialoga implícita e explicitamente com o conhecimento científico.

O ponto de partida desta análise está centrado na obra de Foucault. É necessário compreender a tese defendida pelo autor, não como algo cíclico que se finda em si mesmo, mas que, de forma clara, abre novas perspectivas para o olhar e a percepção da loucura. Busca-se a possibilidade de um novo entendimento legado pelo filósofo no

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor de Artes e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia. Graduando no curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras. E-mail: malaquiasleandro@hotmail.com

que diz respeito à sujeição do louco, para podermos entender o desvario da personagem lorquiana colocada numa situação de sujeição e encarceramento.

Maria Josefa, mãe de Bernarda Alba, com seus 80 anos vive fechada em seu quarto, pois é considerada louca. De todas as mulheres é a que mais sofre o isolamento físico, e conseqüentemente, desumano, dentro da própria casa. Seu prolongado cativeiro faz que no início da obra, ela já apareça gritando por liberdade: “¡Déjame salir, Bernarda!” (GARCÍA LORCA, 1996, p. 145).

Na historiografia contemporânea, o tema da loucura e dos loucos tem sido tratado, em larga medida, a partir do reforço crucial realizado pela obra de Michel Foucault. Traçando uma rica história crítica das condições que promoveram a constituição de um conhecimento específico sobre a loucura, o autor investiga de que modo esse saber defende a necessidade de internamento do louco em instituições específicas. Analisa, ainda, as razões econômicas, sociais, políticas e culturais que promoveram a representação da loucura na modernidade, inserindo-as no campo das necessidades impostas pela ética do trabalho e geradas pelos valores da produção burguesa.

É nesse período que razão e loucura se tornam ambivalentes: dentro de uma relação que mostra que toda loucura revela certa lucidez e que toda razão pode ser portadora de certa loucura, em que se oculta uma verdade inquietante. Uma é a medida da outra, e é nesse movimento de inter-relação mútuo que se fundamentam. A loucura alicerça-se no campo da razão e toma consciência de si mesma, pois se manifesta de forma paradoxal e só tem sentido de suas forças quando julgada e controlada pela razão.

A temática da loucura foi utilizada por Federico García Lorca para dar corpo e voz a personagem que questiona o direito à liberdade, por isso, ameaça a estabilidade da casa de Bernarda Alba. Na obra, a velha delirante e louca parece ser a porta voz da revolta presente dentro desta casa envenenada. A loucura de Maria Josefa, pode-se dizer que é uma metáfora ou estratégia encontrada pelo autor para realizar uma denúncia social. Assim, na obra literária, a personagem assume uma função. O tratamento dado ao louco mostra como este “outro”, que não tem voz nem espaço, é visto e representado na realidade e na literatura, tornando a fronteira entre o real e o ficcional permeável.

Pode se dizer que o louco é o outro do discurso, aquele de quem se fala. O excluído, enclausurado e perseguido, por um sistema de poder, que neste caso, na obra é representado pela matriarca, Bernarda Alba, “Figura máxima da alteridade”. Nota-se, que existe uma espécie de antítese entre o discurso do poder, e, que desenvolve uma relação de forças, que interferiria na maneira do indivíduo enxergar o mundo, criando verdades e segregando as mentalidades que se diferenciam do pensar comum aceito socialmente. Foucault classifica essas atitudes diferenciadas de “loucas”. Segundo ele:

Em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por papel exorcizarem-se os poderes e os

perigos, refrearem lhes o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2005, p. 09).

Em *La Casa de Bernarda Alba* tem-se a visão de uma velha sonhadora que apesar de sua avançada idade, luta pela liberdade, para poder viver seus delírios romanescos. Diante dessa visão ilusória os desejos da velha se igualam aos anseios de suas netas. Daí a justificativa da ação cruel e opressora de Bernarda Alba.

O poeta García Lorca, criador de várias figuras dramáticas, consegue profícua uma fonte de personagens saídos de um contexto social onde se esgotam as possibilidades de um eu múltiplo em busca da felicidade. E, dessa maneira, essa busca constante de ventura sem sucesso, levaria ao caminho da insanidade. Nessa construção, o poeta critica a sociedade e denuncia os desatinos da ordem social e política. E assim, critica o idealismo inconsequente, que é incapaz de enxergar as verdadeiras dimensões do real.

Evidencia-se na obra que as palavras ditas pela personagem Maria Josefa são atribuídas a sua loucura. A loucura representa a maneira humanizada de ler a sociedade e seu destino. Ela também se configura como denúncia da irracionalidade da própria condição humana. Esses homens, que vivem presos em relações sociais, são forçados a ajustar-se aos padrões pré-estabelecidos.

O não enquadramento aos ditames da sociedade levou a personagem a ser considerada como louca. Embora sua conduta e palavras apenas descrevam o conhecimento da personagem sobre o que acontece na casa, revelando assim um princípio de consciência e racionalidade. A suas ações e falas a levam a ser julgada como louca diante dos olhos daqueles que se consideram portadores da razão.

De toda forma, se observa que a loucura é uma criação cultural. Construída por uma rede de discurso, que ganha vida mediante os valores históricos da cultura e sociedade em que se insere. Para estes, o louco reflete um desvio, que se opõe à razão: “a verdade da loucura é ser interior à razão, ser uma de suas figuras, uma força e como que uma necessidade momentânea a fim de melhor certificar-se de si mesma” (FOUCAULT, 2005, p36).

Fica claro dentro da obra *La Casa de Bernarda Alba* que a ninguém é dado o direito de falar. Esse direito é exclusivo da matriarca da casa que exige que sua palavra seja considerada única. Evidencia-se neste procedimento uma maneira de controlar os discursos alheios, uma vez que, limita a quantidade de indivíduos com o poder do uso da palavra. Assim, o discurso não autorizado é “vigiado e punido”, a exemplo do que acontece com Maria Josefa.

A loucura pertence ao homem, às suas fraquezas, às suas ilusões e aos seus sonhos. Ela representa um sutil e frágil relacionamento que o homem mantém consigo mesmo, fruto de um subconsciente que se manifesta sem controle. Em diversos momentos da obra, Maria Josefa consegue fugir do quarto, e em suas falas se misturam loucura e verdade. Foucault afirma que em muitas situações “o louco não é visto mais como uma figura boba, e sim como o detentor da verdade” (FOUCAULT, 2005, p. 14), ou pelo menos aquele que ousa dizer a verdade sem medo de ser punido.

Os momentos de desvario da personagem misturam lembranças do passado com uma clara percepção extraída do presente. Esses momentos transformadores são

detonados por projeções do inconsciente. O bem e o mal, o belo e o terrível se misturam de modo onírico, e ao mesmo tempo, perturbador.

As manifestações de Maria Josefa, por meio de sua própria verdade, assumem a função de porta-voz do desejo de suas netas. Veja-se:

María Josefa: Me escape porque me quiero casar, porque quiero casarme con un varón hermoso de la orilla del mar, ya que aquí los hombres huyen de las mujeres.

Bernarda: ¡Calle usted, madre!

María Josefa: No, no me callo. No quiero ver a estas mujeres solteras rabiando por la boda, haciéndose polvo el corazón, y yo me quiero ir a mi pueblo. Bernarda, yo quiero un varón para casarme y para tener alegría. (GARCÍA LORCA, 1996, p. 145).

Para Maria Josefa, já velha, o anseio de felicidade e da alegria de uma união se configura como um desvario. Embora seja a forma encontrada pela personagem para fugir a todas as regras e superar mesmo que por meio do delírio, a realidade adversa que lhe permite criar um mundo apenas seu. Um mundo onde uma relação amorosa seja possível: “O delírio é o sonho das pessoas acordadas” (FOUCAULT, 2005, p. 55). A distância entre o sonho e a loucura é como uma linha fronteira em um mapa: está ali, sabe-se dela como elemento da cartografia, mas geograficamente, ela não existe.

Noite e dia, trancafiada em seu quarto, induzida pelas vozes que ouve, Maria Josefa persevera em sua gigantesca tarefa de inventariar o universo que a rodeia. Para ela, a loucura não diz respeito à verdade do mundo, mas a verdade que ela distingue de si mesma e da realidade. Sobre isso, Foucault diz:

Primeiramente, a loucura passa a ser considerada e entendida somente em relação à razão, pois, num movimento de referência recíproca, se por um lado elas se recusam de outro uma fundamenta a outra. Em segundo lugar, a loucura só passa a ter sentido no próprio campo da razão, tornando-se uma de suas formas. A razão, dessa maneira, designa a loucura como um momento essencial de sua própria natureza, já que agora “a verdade da loucura é ser interior à razão, ser uma de suas figuras, uma força e como que uma necessidade momentânea a fim de melhor certificar-se de si mesma (FOUCAULT, 2005, p. 36).

A razão está em todos os sentidos de quem vive dentro de um princípio de racionalidade e que busca constantemente viver a verdade de acordo com uma verdade social a cada instante da vida. Não é somente dentro da ciência que a razão se define e sim também pelo prisma na busca de conhecer o verdadeiro sentido da vida. A razão desconhece todas as armadilhas da loucura, sendo assim se opõe a imaginação buscando a verdade apenas no que se encontra a sua volta.

O campo da razão passa a ser o único qualificado a dizer qualquer coisa. Dessa forma, segundo a história da loucura, este processo de produção da doença mental, ela é ao mesmo tempo a história da "suspensão da loucura como linguagem proscrita" (FOUCAULT, 2005, p.579). Este movimento corresponderia a uma alteração drástica da

cena social que compõe a loucura. Efetivamente, nos primórdios do século XVII, a loucura passa por uma restrição, ou melhor, uma exclusão da cena social, sendo confinada junto a outras doenças marginais nos hospitais gerais.

A obra *História da loucura na idade clássica* rompe com uma tradição de pensamento consagrada por historiadores da psiquiatria. A doença mental passa a ser uma entidade produzida e não uma verdade descoberta. Com Foucault, a história não segue mais uma linha contínua em direção a um conhecimento cada vez mais perfeito e independente dos elementos sociais que o circunscrevem. Ela não é animada por um princípio de coesão ou por uma teleologia a que sempre deve retornar. Pelo contrário:

Quis o destino, infelizmente, que as coisas fossem mais complicadas. E, de um modo geral, que a história da loucura não pudesse servir, em caso algum, como justificativa e ciência auxiliar na patologia das doenças mentais. A loucura, do devir de sua realidade histórica, torna possível, em um dado momento, um conhecimento da alienação num estilo de positividade que a delimita como doença mental, mas não é este conhecimento que forma a verdade desta história, animando-a secretamente desde sua origem. (FOUCAULT, 2005, p.119)

Assim, a objetividade não pode ser uma transparência que fala, de forma desinteressada, a verdade da loucura, na realidade:

[...] ela [a objetividade] só se oferece exatamente àquele que está protegido dela. O conhecimento da loucura pressupõe, naquele que a apresenta, certa maneira de desprender-se dela, de antecipadamente isolar-se de seus perigos e de seus prestígios, certo modo de não ser louco. E o advento histórico do positivismo psiquiátrico só está ligado à promoção do conhecimento de uma maneira secundária; originalmente, ele é a fixação de um modo particular de estar fora da loucura: certa consciência de não-loucura que se torna, para o sujeito do saber, situação concreta, base sólida a partir da qual é possível conhecer a loucura. (FOUCAULT, 2005, p.445)

Dessa forma, Foucault vê a gênese da doença mental como uma tentativa da razão de conjurar o perigo que lhe é interior, de reduzir a alteridade que a observa de dentro.

A razão, no período Renascentista, se manifesta e triunfa como já vimos a partir da loucura, que só assume valor e sentido no próprio campo da razão. Força viva e enigmática desta. É por isso que Foucault enfatiza a impossibilidade da partilha entre a razão e loucura no referido período. Importante ressaltar que Foucault não trabalha razão e loucura em oposição, mas em sentido rigoroso de partilha. Partilha que significa e acarreta exclusão.

A loucura fascina, pois é saber. Sutil relacionamento que o homem mantém consigo mesmo através do desejo e da ilusão, reivindicando para si a felicidade:

A loucura [...] é objeto de discursos, ela mesma sustenta discursos sobre si mesma; e denunciada, ela se defende, reivindica para si mesma o estar mais próxima da felicidade e da verdade que a razão pode estar mais próxima da razão que a própria razão (FOUCAULT, 2005, p. 15).

Há no Renascimento uma relação direta e imediata da loucura com a razão, na qual uma fundamenta a outra em uma dialética estrita de reciprocidade e semelhança. Razão e loucura afirmam-se, negam-se, perdem-se e se redimem:

A loucura torna-se uma forma relativa à razão ou, melhor, loucura e razão entram numa relação eternamente reversível que faz com que toda loucura tenha sua razão que a julga e controla, e toda razão sua loucura na qual ela encontra sua verdade irrisória. Cada uma é a medida da outra, e nesse movimento de referência recíproca elas se recusam, mas uma fundamenta a outra (FOUCAULT, 1978, p.30).

Assim, na obra *La Casa de Bernarda Alba* de García Lorca, quando no terceiro ato, Maria Josefa surge em cena carregando uma ovelha nos braços, em seu ato de “loucura” manifesta a presença de certa razão. Ela demonstra através de suas palavras conhecer o destino das mulheres da casa em relação ao poder que o personagem Pepe Romano tem sobre elas: “*Pepe el Romano es un gigante. Todas lo quereis. Pero él os va a devorar, porque vosotras sois granos de trigo. No granos de trigos, no. ¡Ranas sin lengua!*” (LORCA, 1957, p. 144).

Em sua suposta loucura, Maria Josefa consegue perceber com clareza o perigo que ronda as mulheres da casa e anuncia um destino cruel e solitário para as netas. Ao afirmar que as jovens são “rãs sem língua”, pode estar fazendo em sua loucura alusão a impossibilidade delas de se comunicarem, de revelarem seus sentimentos, de se rebelarem, nesse caso, sua “loucura” nada mais seria do que a expressão de uma verdade.

Em suas próprias palavras alucinadas a personagem nos remete às frustrações das mulheres, às paixões escondidas, ao desejo do casamento e da evasão: “*Yo quiero campo. Yo quiero casas, pero casas abiertas, y las vecinas acostadas en sus camas con sus niños chiquitos, y los hombres fuera, sentados en sus sillas*” (GARCÍA LORCA, 1957, p. 145). A “louca” quer “casas abertas” porque o confinamento é insuportável e castrador das pulsões de sociabilidade e afeto. Nesta afirmação ela parece expressar o desejo oculto de cada uma de suas netas. Identificada com a situação vivida pelas mulheres da família, confirma-se a assertividade de Michel Foucault: “As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta” (FOUCAULT, 1984, p. 28). É a fala de Maria Josefa que prefigura a luta pela ruptura desse mundo hostil e aprisionado.

No começo do século XVI o homem era confrontado consigo mesmo perante a sua própria verdade, e a loucura surgia como forma de experiência, uma experiência crítica e marcante. As noções de luta e de fragmentação da experiência da loucura, e a crítica de uma visão progressista contínua da história, podem ser percebidas no seguinte trecho da obra de Foucault:

A experiência trágica e cósmica da loucura viu-se mascarada pelos privilégios exclusivos de uma consciência crítica. [...] Sob a ciência crítica da loucura e suas formas filosóficas ou científicas, morais ou médicas, uma abafada consciência trágica não deixou de ficar em vigília (FOUCAULT, 2005, PP. 28-29).

Esse trecho demonstra a opção do filósofo por uma interpretação que problematiza a noção já mencionada e propõe a utilização dos conceitos como luta, descontinuidade e fragmentação. Entender o texto de Foucault como imagem de um dado contexto ou de uma realidade social é estabelecer uma positividade, já que ele constitui e molda o artefato que estuda. Na citação acima fica claro essa positividade.

O século XVI, portanto, privilegia uma reflexão crítica sobre a loucura. O objetivo de Foucault é trabalhar a loucura a maneira de uma história do pensamento, definida por ele como o estudo da formação, do desenvolvimento e da transformação das formas de experiência com a “doença”. O autor se indaga: “Como é que a experiência da loucura se viu finalmente confiscada (...) de tal maneira que no limiar da era clássica todas as imagens trágicas evocadas na época anterior se dissiparam na sombra (FOUCAULT, 2005, p. 29). O filósofo almeja, desse modo, compreender a experiência que o classicismo teve da loucura.

Para Foucault, duas questões são essenciais para entender a experiência da loucura no classicismo: primeiramente a loucura passa a ser analisada e entendida somente em relação à razão, pois, se por um lado elas se opõem, por outro se complementam. Em segundo lugar, a loucura só passa a ter sentido no próprio campo da razão, tornando-se uma de suas formas. A razão, dessa maneira, designa a loucura como um momento essencial de sua própria natureza, já que agora “a verdade da loucura é ser interior à razão, ser uma de suas figuras, uma força e como que uma necessidade momentânea a fim de melhor certificar-se de si mesma” (FOUCAULT, 2005, p. 36).

Se pensarmos assim, se pode entender as “razões da loucura” da personagem Maria Josefa na dramaturgia *La Casa de Bernarda Alba* de Federico García Lorca, pois ela não deixa de ser consciência de um estado e de uma situação social de confinamento físico e mental do qual não consegue fugir.

## **Bibliografia**

- FOUCAULT, Michel. **A história da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. **In: Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- GARCÍA LORCA, Federico. **Obras Completas**. Madrid: Aguilar, 1957.
- GARCÍA LORCA, Federico. **La Casa de Bernarda Alba**. Madrid: Cátedra, 1996.